

## FORMAS DE TRABALHAR COM GRUPOS RELIGIOSOS

As organizações ligadas à religião existem em quase todas as comunidades e desempenham um papel importante nos aspectos emocional, social e espiritual da vida das pessoas. Em muitas comunidades, as pessoas envolvidas em trabalhos religiosos tornaram-se ativas nos projetos de assistência e prevenção do HIV, à medida que tiveram que enfrentar desafios como:

- o número crescente de pessoas vivendo com HIV, ou afetadas por ele, que vêm buscar orientação e apoio;
- o número crescente de crianças precisando de ajuda para cuidar de seus pais ou irmãos soropositivos;
- o número crescente de crianças órfãs por causa do HIV;
- o número crescente de óbitos entre os membros mais jovens das comunidades religiosas;

No momento em que as organizações religiosas avaliam e desenvolvem sua resposta à epidemia de HIV/AIDS, elas enfrentam a necessidade de atacar o problema do estigma e da discriminação em relação aos soropositivos, inclusive por parte de pessoas que trabalham nas próprias organizações, além da necessidade de desenvolver respostas que sejam sensíveis a crenças religiosas e escritos sagrados. Pode ser especialmente difícil para as organizações religiosas discutir sobre:

- comportamento sexual, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis;
- prevenção do HIV, especialmente quanto à questão do uso de preservativos;
- ações com grupos marginalizados, como profissionais do sexo, meninos de rua, usuários de drogas injetáveis e homens que fazem sexo com homens.

As pessoas podem ser motivadas a responder à epidemia de HIV/AIDS de várias maneiras. Algumas sofrem a perda de um amigo ou ente querido devido ao vírus ou podem descobrir serem soropositivas. Esse tipo de experiência pode estimular a pessoa a advogar em sua organização religiosa em prol de uma resposta ao HIV, seja ela local ou nacional. Algumas instituições religiosas que trabalham na área de saúde podem advogar em favor de uma resposta, abordando líderes religiosos ou constituindo redes de organizações similares para ampliar e fortalecer essa resposta. Este informativo examina diferentes pontos de entrada para projetos de HIV/AIDS, assim como abordagens práticas para lidar com questões particularmente difíceis, como falar sobre sexo e trabalhar com jovens.

## RESPOSTAS AO HIV

*Por que algumas organizações religiosas responderam mais rápido ao HIV/AIDS do que outras?*

A epidemia de HIV tem sido particularmente grave na África ao sul do Saara, onde o último relatório da UNAIDS estima que existam 24,5 milhões de pessoas vivendo com HIV. Nessa região, as crenças religiosas são particularmente fortes e isso afeta a forma como as pessoas se vêem, como pensam, como agem e como encaram a doença.

Alguns acham que poucas organizações religiosas desenvolveram respostas positivas ao HIV/AIDS. Declarações de proeminentes líderes religiosos causaram discriminação, estigma e culpa. Em quatro casos, grupos religiosos deixaram de responder vigorosamente à epidemia. Um relatório recente do Conselho Mundial de Igrejas concluiu que a resposta das igrejas cristãs e de outras religiões tem sido inadequada. De acordo com o Reverendo Gideon Byamugisha, um pastor da Igreja de Uganda, o problema não foi a recusa da igreja em relação à AIDS... mas seu fracasso.

[Que fatores têm sido importantes para induzir organizações e indivíduos a se envolverem em programas de HIV/AIDS?](#)

### **I - EXPERIÊNCIA PESSOAL**

O contato pessoal direto com as conseqüências humanas do HIV, por exemplo descobrir que você ou um amigo é soropositivo, ou ver um membro de sua comunidade religiosa ficar doente e morrer por causa do HIV/AIDS.

**1 -** O Reverendo Gideon Byamugisha foi ordenado pastor da Igreja de Uganda em 1992. Três anos mais tarde, tornou-se o primeiro padre em atividade na África a declarar publicamente que estava vivendo com HIV. 'Minha própria experiência de declarar abertamente minha condição tem sido positiva. Quando eu me tornei membro da Diocese Namirembe, contei ao meu bispo, o reverendo Samuel Ssekkadde, sobre minha condição de soropositivo. Ele e sua esposa foram muito compreensivos e me apoiaram, chegando a oferecer-nos a casa onde atualmente vivemos. Ele disse, "Gideon, não se preocupe. Vou rezar por você. E você tem uma missão especial aqui". Deixei meu trabalho de professor na universidade de teologia e vim para a Diocese Namirembe para participar do programa de AIDS local. Todo o apoio, assistência e aceitação que Pamela e eu recebemos do bispo, sua esposa, os membros do clero e os cristãos dessa diocese, ajudou-nos a viver positivamente e a dedicar nossas vidas à luta contra o HIV.' Adaptado de Open Secret. People facing up to HIV and AIDS in Uganda.

## 2 - ADVOCACIA INTERNA

Muitas das organizações religiosas que se envolveram com questões relativas ao HIV/AIDS possuem membros que lutaram e defenderam um maior envolvimento contra a epidemia.

**2** - Em setembro de 2000, após participar da XIII Conferência Internacional de AIDS em Durban, África do Sul, a equipe do Centro de Educação e Informação sobre o HIV da Cadeira de São João, em Hong Kong, mostrou aos membros do clero chinês o vídeo feito pelo Fórum Regional Africano de Organizações Religiosas de Saúde em Saúde Reprodutiva. Os membros do clero em Hong Kong ainda não se sentem à vontade em relação aos assuntos ligados ao HIV/AIDS e ao sexo e à sexualidade em geral. A razão pode ser porque o número de pessoas com HIV em Hong Kong ainda é muito pequeno. É pouco provável que esses religiosos tenham oportunidade de encontrar pessoas com HIV/AIDS e é difícil mudar sua atitude. Acredito que vai ser preciso tempo e esforço, mas pelo menos estamos plantando a semente.

Elijah Fung, St. John's Cathedral HIV Education and Information Centre, Hong Kong.

E-mail: [sjhivctr@asiaonline.net](mailto:sjhivctr@asiaonline.net)

## 3 - RESPOSTA DE LÍDERES RELIGIOSOS

Líderes religiosos que reconhecem o desafio do HIV/AIDS e não condenam as pessoas afetadas por ele, mas oferecem apoio e compreensão, podem motivar outros grupos religiosos a responder positivamente às pessoas afetadas pelo HIV/AIDS.

**3** - 'Em um mundo ideal, esperamos que cada um seja responsável em relação ao sexo... que todos se comportem como esperamos. Infelizmente, no mundo real, isso não acontece e seria impossível, diante de tantos casos terríveis, fingir que nada está acontecendo. Por isso, somos obrigados a ensinar as pessoas sobre o chamado sexo mais seguro, vamos ter que conversar sobre preservativos e tentar tornar possível que as pessoas tenham acesso à saúde sexual e reprodutiva.'

Arcebispo Emérito Desmond Tutu, discurso em vídeo apresentado no Simpósio Rompendo o Silêncio. Organizações Religiosas de Saúde Pronunciam-se sobre HIV/AIDS, África do Sul, julho de 2000.

**3** - Em 1989, sua eminência, o chefe Khadi de Uganda, participou de uma oficina nacional de educação sobre AIDS, realizada pela Associação Médica Islâmica de Uganda. Após a oficina, ele declarou uma 'jihad', ou guerra santa, contra o HIV/AIDS. Essa declaração de apoio, partindo do mais alto nível da comunidade muçulmana de Uganda, foi o primeiro passo na mobilização da comunidade muçulmana para tornar-se ativa na prevenção e assistência ao HIV/AIDS.

### O que pode ser feito para estimular mais grupos a se envolverem?

No caso de organizações religiosas, as respostas precisam considerar seus ensinamentos, crenças e modo de pensar. Organizações religiosas ou leigas podem interagir positivamente, aprendendo umas com as outras e respeitando as visões diferentes e diversas de organizações e indivíduos.

## COMO AS ORGANIZAÇÕES DE SAÚDE PODEM DESENVOLVER SUA RESPOSTA

As organizações religiosas podem responder à epidemia de HIV/AIDS em nível nacional, regional ou comunitário. Examinamos aqui algumas respostas dessas organizações religiosas que atuam na área de saúde.

**O Fórum Regional Africano de Organizações Religiosas de Saúde em Saúde Reprodutiva** foi criado para ajudar agentes de saúde a promover uma abordagem mais franca à saúde reprodutiva e sexual. Agentes de saúde que pertencem a organizações religiosas enfrentam o desafio de combinar as necessidades das comunidades com as crenças e ensinamentos de suas igrejas.

O Fórum, que é facilitado pela Saúde Familiar Internacional, do Reino Unido, possui membros na Nigéria, Etiópia, Uganda, Quênia, Tanzânia, Zâmbia e Namíbia, e organizações colaboradoras na África do Sul. Reúne organizações católicas, protestantes e muçulmanas e espera criar laços com grupos nas fés bahá'í, hindu, budista e judaica.

O Fórum tem por objetivo estimular a advocacia e ajudar seus membros a:

- partilhar informações e experiências;
- proporcionar orientação em saúde reprodutiva centrada em Deus, respeitando a dignidade humana, tecnicamente correta e sustentável;
- desenvolver programas abrangentes sobre saúde reprodutiva;
- realizar atividades em nível local, regional e nacional.

Como parte das atividades do Fórum, a Saúde Familiar Internacional coordenou um simpósio chamado Rompendo o Silêncio: Organizações Religiosas de Saúde Pronunciam-se sobre HIV/AIDS, durante a XIII Conferência Internacional de AIDS na África do Sul, e produziu um vídeo apresentando Desmond Tutu, baseado no simpósio.

Atividades futuras incluirão um website, seqüência à produção do informativo Forum Review e o desenvolvimento de atividades de pesquisa na África.

**Contato: International Family Health. Tel.: +44 (0)20 7247 9944. Fax: +44 (0)20 7247 9224. E-mail: [fsaini@ifh.org.uk](mailto:fsaini@ifh.org.uk)**

As respostas também podem começar quando as organizações religiosas que atuam na área de saúde expandem suas atividades para incluir líderes religiosos, além de agentes de saúde.

A **Associação Médica Muçulmana de Uganda (IMAU)** começou a organizar oficinas para imãs no início dos anos 90. A conversa entre profissionais de saúde e líderes religiosos, nas primeiras oficinas, revelou a necessidade de projetos de HIV/AIDS que chegassem às famílias muçulmanas, com educadores treinados e sancionados pelos imãs.

Foram desenvolvidos três projetos.

- O projeto **Madarasa de educação e prevenção da AIDS** proporciona educação sobre AIDS a jovens em escolas muçulmanas e objetiva ensinar aos jovens a ter empatia e ajudar as pessoas que vivem com HIV/AIDS.
- **Ação comunitária para prevenção da AIDS** trabalha em um ambiente urbano, dando treinamento sobre HIV/AIDS a líderes religiosos e comunitários. Além disso, o projeto treina grupos de motoristas de táxi e vendedores a transmitir informações sobre HIV/AIDS em sua interação com o público.
- **O projeto Educação e Prevenção Familiar de AIDS através de Imãs** objetiva dar educação, aconselhamento básico e motivação para a mudança de comportamento, visitando em suas casas as pessoas soropositivas.

Inicialmente, a informação sobre preservativos não estava incluída nesses projetos, mas após conversar com líderes islâmicos, os coordenadores do projeto concordaram que a educação sobre o uso responsável do preservativo poderia ser incluída como uma terceira linha de defesa contra o HIV/AIDS, depois da abstinência e do sexo dentro do casamento.

As respostas no nível da comunidade freqüentemente envolvem agentes comunitários de saúde e voluntários. A epidemia de HIV faz com que um número crescente de pessoas precise de cuidados físicos e espirituais, e isso acarreta uma carga extra de trabalho para os religiosos agentes de saúde.

## POR ONDE COMEÇAR?

*Neste artigo, examinamos como as organizações religiosas podem começar a responder ao HIV/AIDS.*

O exemplo de serviço e assistência prestados a outros, além do apoio emocional e espiritual, é comum na maioria das religiões. Muitos grupos religiosos têm estado na vanguarda da resposta ao HIV/AIDS, especialmente na África ao sul do Saara.

- Hospitais de missões como o Chikankata, em Zâmbia, têm sido pioneiros em proporcionar cuidados em casa para pessoas com HIV/AIDS.
- Organizações religiosas, como o Fundo de Assistência a Famílias com AIDS (FACT), no Zimbábue, desenvolveram maneiras de apoiar e cuidar de órfãos e crianças afetadas pelo HIV/AIDS.
- Muitos grupos desenvolveram maneiras de trabalhar com jovens dentro da comunidade religiosa para prevenir o HIV/AIDS. Um deles é Educação e Treinamento em Assistência à AIDS, em Uganda.

Essas atividades podem ser consideradas como pontos de entrada para organizações religiosas que querem envolver-se com o trabalho em HIV/AIDS. Os pontos de entrada podem depender do tipo de trabalho em que os grupos já estão envolvidos sem considerar o HIV/AIDS. Hospitais de missões podem começar estendendo a assistência aos doentes em suas casas, enquanto as igrejas podem iniciar seus trabalhos com os jovens em sua comunidade religiosa, ou prestando assistência a grupos vulneráveis, como crianças órfãs devido ao HIV/AIDS (ver box).

Tais atividades podem proporcionar uma base para inclusão de áreas mais difíceis de serem trabalhadas, como falar sobre as formas de evitar a disseminação do HIV/AIDS, discutir comportamentos sexuais e trabalhar com grupos marginalizados, como profissionais do sexo ou usuários de drogas injetáveis.

Em Chiang Rai, Tailândia, monges budistas trabalham com a equipe do Hospital Mae Chan para prevenir a contaminação pelo HIV/AIDS enquanto cuidam dos que foram infectados. Os monges fazem aconselhamento individual no hospital e também dão apoio comunitário. Quando estão educando as pessoas sobre o HIV, os monges usam ensinamentos budistas. Os monges não proíbem o uso de preservativo, mas deixam a discussão a respeito para os educadores do hospital.

Os templos em Chiang Rai tornaram-se locais para atividades com pessoas afetadas pelo vírus. Essas atividades incluem meditação, ioga, exercícios, saunas com ervas, preparação de alimentos e até mesmo projetos para geração de renda, como preparação de remédios fitoterápicos. Os monges também fazem visitas em domicílio.

O programa Fundo de Assistência a Famílias com AIDS (FACT) da Igreja foi criado em 1994. O programa começou realizando discussões com líderes da igreja para sensibilizá-los em relação às questões relacionadas ao HIV/AIDS. Posteriormente, esses líderes mobilizaram os membros da igreja. O programa enfoca a conscientização sobre o HIV/AIDS e o apoio e treinamento de voluntários.

Seiscentos voluntários ajudam cerca de 12 mil pessoas com HIV/AIDS e 15 mil órfãos. Eles ensinam noções básicas de enfermagem aos que cuidam de doentes que não têm a recorrer. O programa também fornece alimentos, roupas, mensalidades escolares e remédios às pessoas portadoras do vírus da AIDS.

As crianças órfãs por causa do HIV/AIDS são ajudadas em visitas domiciliares, com alimentos, mensalidades escolares e orientação legal. Os voluntários também dão apoio espiritual para ajudar a superar a dor da perda. Contudo, recursos limitados e um clima econômico difícil trazem o desafio de como ajudar grandes números de órfãos. A equipe do programa identificou como os principais desafios para o futuro, o amparo a ser dado ao número crescente de domicílios chefiados por crianças e como superar os efeitos psicológicos a longo prazo do HIV/AIDS sobre as crianças.

Para mais informações, contatar Lorraine Muchaneta, FACT, PO Box 970, Mutare, Zimbabue. Tel: + 263 20 61648. Fax: + 263 20 65281

## PREVENÇÃO

Muitas organizações religiosas estão mudando da área mais tradicional da assistência para a prevenção do HIV. Diferentes fés têm idéias divergentes sobre como reduzir a disseminação da AIDS. Algumas sugerem abstinência, outras sugerem fidelidade no relacionamento e algumas sugerem o uso de preservativos. É importante estimular a discussão sobre os relacionamentos sexuais. Dentro de organizações religiosas, isso pode ser feito em:

- publicações religiosas e programas de rádio;
- orientação antes do casamento;
- grupos de jovens e aulas de catecismo;
- educação em clínicas de saúde ligadas às organizações;
- celebrações religiosas;
- programas de treinamento para líderes religiosos e leigos.

O próximo passo para as organizações religiosas é envolverem-se com áreas mais difíceis, como troca de seringas e trabalho com grupos marginalizados, como profissionais do sexo. A Igreja Evangélica da Eritreia começou a trabalhar com um grupo de 30 profissionais do sexo em 1998, treinando-as em artesanato e ajudando-as financeiramente durante o treinamento. Quatro das 30 são soropositivas. A igreja está planejando um

encontro de líderes da igreja para discutir questões ligadas ao HIV/AIDS e estimulá-los a escrever para o boletim informativo de sua igreja sobre a conscientização em relação ao HIV/AIDS.

**Agradecemos a Dominique Mathiot, Country Programme Adviser, UNAIDS, 5 Andinet Street, PO Box 53666, Asmara, Eritria. Fax: +291 1 151600.**

A **Ação Católica contra a AIDS**, criada em 1998, foi o primeiro programa de assistência e prevenção do HIV/AIDS na Namíbia ligado a uma igreja. O programa usou as 90 paróquias católicas romanas do país, 300 pequenas comunidades cristãs, hospitais, clínicas, escolas e abrigos católicos para espalhar sua mensagem.

O cuidado em casa e o apoio aos órfãos e àqueles afetados pelo HIV/AIDS foram relativamente fáceis de incluir no programa, porque baseiam-se nas virtudes cristãs de assistência espiritual e material ao próximo.

Foi mais difícil incluir a prevenção da AIDS. A Ação Católica contra à AIDS percebeu que tinha que atacar a questão do sexo e da sexualidade e que o programa tinha que ser franco em relação ao uso de preservativos. Depois de muita discussão, o programa decidiu tratar o uso de preservativos porque, por mais que se desejasse que todos seguissem um padrão moral elevado, a prioridade era ajudar a evitar a disseminação do HIV.

**Lucy Stelnitz, Catholic AIDS Action, Windhoek, Namíbia. Website: [www.caa.namibia.org](http://www.caa.namibia.org)**

## RESPEITO ÀS CRENÇAS

As respostas das organizações religiosas ao desafio do HIV/AIDS podem ficar fortalecidas pela sensibilidade às crenças e às escrituras religiosas. Algumas organizações usam ensinamentos de escritos religiosos para apoiar sua resposta ao HIV/AIDS e estimular as pessoas a aceitar e proteger as pessoas soropositivas, em lugar de julgá-las. Monges budistas em Chiang Rai, Tailândia, proporcionam serviços de aconselhamento e educação a pessoas afetadas pelo HIV. Ao realizar atividades educacionais, os monges usam ensinamentos budistas sobre procedimentos morais para o comportamento humano. Existem cinco procedimentos morais no budismo:

- não destruir a vida
- evitar o comportamento sexual impróprio
- não tomar o que não for dado
- evitar a falsidade
- evitar substâncias tóxicas



A Ação Católica contra a AIDS projetou um manual de assistência pastoral que estimula seus adeptos a responderem ao HIV de uma maneira cristã. O manual estimula os cristãos a transformar sua fé e orações em ação e inclui orações escritas por adolescentes católicos em um Retiro de Liderança Jovem, realizado em 1998. “A AIDS exige que reafirmemos nossa fé em Cristo e que, através dele, o amor conquista a morte. Se a nossa posição é essa, considerando-nos como o corpo de Cristo na terra, então precisamos encarar o HIV/AIDS como o chamado do nosso tempo para dedicar nossa compaixão e amor aos que sofrem. Amando nosso próximo como a nós mesmos, veremos verdadeiramente o Cristo neles”.

**To love my neighbour: A pastoral care handbook for Namibia. Catholic AIDS Action, Namibian Catholic Bishops Conference, PO Box 11525, Windhoek, Namibia. Fax: +264 248 126. E-mail: ncbc@iafrica.com**

Mas as organizações religiosas podem usar textos e crenças religiosas para ajudá-las a entrar em áreas que tradicionalmente são mais difíceis. Como falar honestamente sobre comportamento sexual mais seguro?

*Valorizando o dom*, um manual de treinamento escrito pelo Projeto Preocupação Internacional (Zâmbia) e pelo Grupo de Criação de Redes entre Igrejas para HIV/AIDS, de Lusaka, foi planejado para uso com grupos religiosos e examina como iniciar discussões sobre sexo e comportamento sexual de um ponto de vista religioso.

O grupo objetiva “deixar de lado diferenças doutrinárias e entre denominações para que possa ser feito um trabalho em conjunto contra o HIV/AIDS”. O livro pretende oferecer material que possa ser usado com grupos de jovens de qualquer religião. **Treasuring the gift - how to handle God's gift of sex, Project Concern International, Box 32320, Lusaka, Zâmbia. E-mail:pci@zamnet.zm**

## COMO FALAR SOBRE SEXO

*A epidemia de HIV forçou muitas organizações religiosas a começar a discutir questões delicadas envolvendo o sexo e a sexualidade.*

Muitos líderes, organizações e grupos religiosos ficam constrangidos ao falar sobre esses assuntos. Isso pode ser porque nunca precisaram falar sobre o tema ou porque não têm experiência própria a respeito. Podem sentir-se inseguros sobre como relacionar o assunto aos textos e crenças religiosos. Em muitas sociedades, especialmente na África ao sul do Saara, o sexo é um tema tabu mesmo entre pais e filhos, o que torna ainda mais difícil falar sobre sexo publicamente.

Uma crença básica para muitas comunidades religiosas é a de que é importante preocupar-se com o próximo e, também, a de que o relacionamento entre pessoas é um caminho para um relacionamento com Deus. Diante disso, muitas comunidades religiosas acreditam:

- na abstinência, se as pessoas não são casadas
- no sexo apenas dentro do casamento

Alguns membros de organizações religiosas acham que falar sobre sexo pode:

- resultar em uma maior promiscuidade
- dar a impressão de aceitar o sexo fora do casamento
- estimular os jovens a fazer sexo mais cedo

Algumas pessoas acreditam também que promover o uso do preservativo pode resultar em um comportamento sexual “inaceitável” das pessoas, em lugar da abstinência.

Entretanto, as pesquisas mostraram que educar os jovens sobre o sexo, HIV/AIDS, e saúde em geral, não resulta em um aumento da atividade sexual, mas leva a uma diminuição do sexo adolescente, da gravidez não desejada e das DSTs.

Se os grupos religiosos desejam iniciar uma discussão franca sobre o sexo, é importante reconhecer que:

- há mais atividade sexual nas comunidades do que eles podem aceitar com facilidade
- a maior parte desse sexo é pouco seguro (além de ilegal e inaceitável aos olhos das igrejas)
- nem todas as uniões legais são “seguras”

## Como podemos fazê-lo?

Discutir questões sexuais em um contexto religioso pode ser feito se houver um vínculo entre a saúde física, espiritual e moral. Em um contexto religioso, não é suficiente considerar as conseqüências da gravidez, das DSTs e do HIV/AIDS, sem considerar as conseqüências espirituais, psicológicas e sociais do sexo fora ou antes do casamento.

Os textos religiosos podem ajudar os líderes e os grupos religiosos a discutir positivamente o sexo. A Bíblia, por exemplo, traz muitas referências positivas ao sexo, à sexualidade e à saúde sexual.

Antes de começar a falar sobre sexo com um grupo, devemos considerar quem será o público (por exemplo jovens, casais) e o que você gostaria de discutir com esse grupo (a fidelidade conjugal, o sexo mais seguro). Pessoas diferentes vão precisar de informações variadas e terão preocupações diferentes. Neste boletim, há um exercício a ser usado com jovens para iniciar a discussão, ou você pode usar códigos figurativos (figuras de pessoas em diferentes situações).

**Agradecemos a Ian Campbell e Alison Rader, do Exército da Salvação, e ao rev. Gideon Byamugisha, Diocese Namirembe, Uganda.**

‘A sexualidade é um tema que a igreja achou difícil discutir. A condenação silenciosa e triste da sexualidade em geral tem sido um fator que contribui para a disseminação da AIDS. Como é possível promover uma sexualidade positiva, um reconhecimento do dom e da excelência do sexo, o relacionamento correto entre homens e mulheres? Isso é particularmente importante para os jovens. Em alguns países africanos não há educação sexual para os jovens porque ninguém fala sobre isso (sexo), exceto para condená-lo. A igreja precisa estar trabalhando ativamente com os jovens nas comunidades, promovendo uma discussão franca e interessada sobre a sexualidade. Ela precisa afirmar a santidade do sexo como dom a ser valorizado.’ Rev. Dra. Susan Cole King

# ENCARTE BRASIL

## PROJETO FARA LOGUN: CIDADANIA E SAÚDE PARA OS JOVENS HOMOSSEXUAIS ADEPTOS DO CANDOMBLÉ

Luis Felipe Rios\*

Desde a sua constituição, os centros de cultos religiosos afro-brasileiros têm oferecido uma resposta positiva às diferentes formas de opressão, sendo um lugar de resistência para os afro-descendentes a partir dos finais do período escravista. O tempo passou e essas comunidades preservaram no Brasil uma história e uma cultura singulares. A opressão, entretanto, continua mascarada em diferentes formas, e a tarefa dos terreiros, nos parece, aumentou: hoje não só negros recorrem aos barracões em busca de auxílio religioso e apoio; outras minorias, dentre elas os homossexuais, cotidianamente batem em suas portas.

A presença de jovens homossexuais é notória: a religiosidade, as festas e o apoio que os terreiros lhes oferecem frente as suas inserções sexuais e de gênero, são alguns dos principais atrativos para as suas inserções. A partir desse contexto favorável ao homoerotismo, e pensando em oferecer uma resposta à situação de maior vulnerabilidade a diferentes agravos sociais (por exemplo o HIV/AIDS e a violência doméstica) em que se encontram os jovens homossexuais, iniciamos em janeiro de 2002, com apoio da ABIA, e do GRAL/Fundação Carlos Chagas, o Projeto Fara Logun. O projeto busca apoiar a vocação dos terreiros enquanto lugar de resistência e trabalhar com os jovens adeptos questões de cidadania e saúde sexual.

Com esse objetivo o projeto oferece Oficinas de Arte Afro-brasileira e, em paralelo, busca facilitar a reflexão coletiva sobre sexualidade, saúde e cidadania, fomentando a mobilização, o engajamento e os enfrentamentos individuais e coletivos à opressão sexual; também estão em processo de elaboração materiais informativos adequados ao imaginário e linguagem afro-brasileiras.

Contudo, acreditamos que esse trabalho só terá o êxito esperado se houver o engajamento de toda a comunidade que faz o povo-do-santo. E esperamos que outras iniciativas como essa, voltadas à promoção de saúde e cidadania das populações afro-brasileiras, se multipliquem, reforçando a função social das comunidades-terreiro.

Para mais informações entre em contato com Luís Felipe Rios pelo e-mail [felipe@abiadays.org.br](mailto:felipe@abiadays.org.br) ou pelo fone (21) 2223 1040.  
Site: [http://geocities.yahoo.com.br/ayra\\_itile/](http://geocities.yahoo.com.br/ayra_itile/)

\* Antropólogo e assessor de projetos da ABIA

# A IGREJA CATÓLICA DO BRASIL E A EPIDEMIA DA AIDS

## Uma história de construções e contradições

Liandro Lindner \*

A adesão da Igreja Católica do Brasil na luta contra a AIDS já vem de muito tempo. Nos primeiros anos da epidemia, por iniciativa do cardeal Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo, foram criadas casas de apoio e incrementados serviços de visitação hospitalar aos doentes atingidos pela epidemia. E assim, sucederam-se experiências, que se multiplicaram pelo país, fazendo primeiro o serviço de apoio assistencial e embutindo ações de prevenção de maneira discreta, feitas sem alarde e sem comunicado ou autorização da autoridade superior. Nos altos círculos da hierarquia, a prevenção sempre foi discutida com cautela e as ações, se não obtinham o apoio explícito, pelo menos não sofriam uma condenação pública.

Há quase três anos que se pensou em organizar uma iniciativa para reunir os grupos católicos com atuação nessa área, tentando criar uma uniformidade de ação e linguagem. Esse esforço foi marcado pelo pioneirismo do amazonense Henrique José Gouveia de Sá, ex-seminarista, soropositivo e membro da Irmandade Leiga do Santíssimo Sacramento. Contando com o apoio do Ministério da Saúde, Gouveia de Sá possibilitou encontros com a direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e recebeu a incumbência de formar uma Comissão para encaminhar esses trabalhos. Menos de dois meses depois, a Comissão foi apresentada à cúpula dos bispos e recebeu o sinal verde para continuidade. A primeira iniciativa foi um seminário reunindo lideranças de organizações não-governamentais, representações de pastorais e segmentos ligados à Igreja Católica para troca de idéias e discussão da organização.

Na continuidade, foi designado, pela CNBB, o bispo de Goiás, dom Eugene Adrian Rixen, para acompanhar as atividades dessa comissão. A comissão, em sucessivas reuniões, possibilitou ao religioso conhecer os trabalhos realizados, dialogar com setores da sociedade e, principalmente, ter interlocução maior com os atingidos pela epidemia. Um folder, a ser distribuído nas dioceses e paróquias, foi confeccionado e, além do tradicional apoio aos doentes e de discursos contra a discriminação, apresentava- pela primeira vez- uma referência à questão da prevenção. No texto, ficava claro que o "ideal é viver o sexo dentro do sacramento do matrimônio, em fidelidade com o parceiro". No entanto, advertia aos que não conseguiam ou não queriam viver esse ideal "o uso do preservativo".

Mas o ato mais ousado desse grupo ocorreu em junho de 2000, quando se reuniu, em Itaiçuba (SP), cerca de uma centena de leigos, de 17 estados, engajados nessa causa para discutir a questão da AIDS. O Seminário "AIDS e Desafios para a Igreja do Brasil" teve a presença do então ministro da Saúde na abertura, o acompanhamento de um enviado do Vaticano- o bispo mexicano Javier Lozano Barragán —, além de outras lideranças católicas como o diretor da Editora Vozes, Antonio Mosser, e o cardeal Paulo Evaristo Arns.

A repercussão deste encontro foi mundial, com espaços na BBC de Londres, no jornal espanhol El País, Rádio França Internacional e periódicos dos Estados Unidos e Europa. Toda a imprensa do Brasil também divulgou a iniciativa e as reações dos

participantes contrários ao radicalismo do enviado da Santa Sé contra o uso do preservativo. De Roma, o segundo da hierarquia, cardeal Ângelo Sodano, ligou para o embaixador do Vaticano no Brasil e reafirmou a posição da Igreja sobre o assunto. Essa orientação foi passada ao bispo mexicano, que foi duro também nas posições sobre sexo em casais sorodiscordantes e ingresso de seminaristas soropositivos. Ato contínuo, a CNBB lançou uma nota oficial reafirmando a posição contrária à prevenção com uso de preservativos. A tensão foi tanta que, no final do encontro, o documento conclusivo teve sua divulgação restrita e somente chegou ao conhecimento dos meios de comunicação graças à ação de um grupo de participantes que se rebelou contra a decisão de escondê-la.

Depois do seminário, um grande silêncio cobriu a comissão e suas atividades. No interior da cúpula da Igreja, uma reação estava em andamento e ela veio, quase um ano depois, numa nova reunião da Comissão em Brasília. Nesse encontro, ficou clara a intervenção para mudança de rumos na condução desse assunto dentro da Igreja. Exigiu-se uma representação dos regionais da CNBB para participação- dando um aspecto muito mais formal do que operacional à instância, que a partir de então seria representativa das regiões. Através de articulações, ficou composto um novo grupo com caráter muito mais institucional, quase desconhecido do movimento social que trabalha com AIDS no país. Num lance surpreendente, a votação para assessor nacional, responsável pela articulação das ações em torno da temática, quase empatou, ficando o Padre Valeriano Paitone- notório defensor do uso do preservativo e de discussão mais aberta sobre o tema- com apenas um voto a menos que o frei Luiz Carlos Lunardi, coordenador de uma ONG em Porto Alegre aberta há menos de três anos pelos capuchinhos, que já perderam muitos confrades para a AIDS.

A mudança de formato do grupo, que passou a se chamar Pastoral da AIDS, revelou também uma mudança na postura e no comportamento. Optou-se pela formação de regionais, priorizando a multiplicação de informações, valorizou-se os quadros internos e evitou-se polêmicas públicas e discussão dos pontos controversos de forma mais direta. Os conflitos dentro da própria Igreja e as contradições da instituição cederam lugar a uma linguagem de necessidade de apoio. O grupo dificilmente entrará em conflito com a cúpula da Igreja. Se considerarmos que os "votos de obediência" são presentes na maioria dos membros diretivos da Pastoral, esses podem ser utilizados a qualquer momento. Romper com um voto de obediência pode significar romper com a própria estrutura da Igreja e se afastar dela.

No atual momento em que a Igreja Católica vive, como a inércia de avanços em função da senilidade do papa, o ideal é que as organizações leigas promovam o debate e pressionem pela pluralidade de idéias dentro da estrutura. Isso já fazem o Movimento dos Padres Casados, as Católicas pelo Direito de Decidir, o Movimento Gay Cristão, entre outros. Quem sabe um dia se crie o Movimento dos Católicos pelo Preservativo, mas para isso é preciso coragem para sustentar posições em público e assumir as conseqüências. Talvez um dia o Brasil possa ser essa vanguarda no enfrentamento do avanço da epidemia.

\* Jornalista, diretor do GAPA/RS, conselheiro do Conselho Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul. Durante quase dois anos participou, como assessor, da Comissão de DST/AIDS da Pastoral da Saúde- CNBB.

## COM A PALAVRA, DOM EUGÊNIO RIXEN

*Criada em 1999, a Pastoral DST/AIDS, hoje presidida pelo bispo diocesano de Goiás dom Eugenio Rixen, vem participando intensamente das questões relacionadas à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. Nesta edição do Ação Anti-AIDS, o bispo esclarece os objetivos da Pastoral e mostra como a Igreja Católica enxerga a questão da AIDS no País.*

Por Claudio Oliveira \*

### Quais os objetivos da Pastoral DST/AIDS? Como ela trabalha?

A Pastoral DST/AIDS da CNBB procura coordenar os trabalhos de prevenção à AIDS e o acompanhamento dos soropositivos feito pelas ONGs católicas. Animados pela proposta de Jesus que sempre foi ao encontro dos mais excluídos, os seus discípulos não podiam ficar indiferentes diante dessa nova epidemia. Para enfrentar esse desafio, criamos uma Comissão Nacional DST/AIDS ligada à CNBB e atualmente estamos na fase de implantação de comissões nas nossas regiões pastorais e nas dioceses. Tudo isso com o objetivo de defender a vida.

### Durante o Seminário “Vencendo Preconceitos e Exclusões”, o senhor disse que a Igreja acredita na castidade, mas que a fraqueza humana existe. Diante dessa realidade, qual o melhor caminho para a prevenção ao HIV/AIDS?

De fato a proposta da Igreja é viver na castidade, quer dizer viver na fidelidade e no amor para aqueles que são casados. Para aqueles que não são unidos no matrimônio, isso significa a continência sexual. Hoje, num mundo super erotizado isso parece um caminho difícil ou até impossível para alguns. Mas com a graça de Deus e a ajuda dos outros, tudo é possível. De fato quem não consegue viver tão grande ideal, sempre tem a misericórdia de Deus. Com São Paulo, podemos dizer: “O mal que não quero, acabo praticando; O bem que não faço, coitado de mim, pobre pecador”! O mal qualquer que seja, nunca pode ser justificado como sendo um bem. Precisamos ajudar as pessoas fracas, a dar um passo à frente no caminho do bem, mesmo quando esses ainda não conseguem viver plenamente a castidade.

## Como a Igreja Católica acolhe as pessoas soropositivas?

A Igreja Católica, seguindo o mandamento do amor de Jesus, tem um caminho todo especial para com todos aqueles que sofrem fisicamente, moralmente ou espiritualmente. A Igreja tem uma presença muito bonita junto aos soropositivos. Não se trata de uma presença humilhante, mas uma presença que valoriza as pessoas. O soropositivo não é um “coitado”, mas alguém que deve procurar uma nova qualidade de vida a partir da sua situação concreta.

## O primeiro caso de HIV/AIDS no Brasil aconteceu no início da década de 80. A Pastoral surgiu em 1999. Antes disso, como a Igreja Católica via a epidemia de HIV/AIDS?

O trabalho da Igreja na luta contra a epidemia de HIV/AIDS começou na base, através de pequenas iniciativas desde os anos 85 e 86. Nas grandes cidades, foram criadas casas de apoio, com possibilidade de internações. Houve também um trabalho na linha de mudanças de hábitos sexuais de risco. Este trabalho foi crescendo e só em 1999 criamos uma comissão nacional para coordenar todos esses trabalhos e para dar um novo impulso na luta contra a AIDS.

## Pensando no futuro, quais serão as prioridades e ações da Pastoral da AIDS no enfrentamento à epidemia de HIV/AIDS?

A Pastoral, consciente da gravidade da situação, quer colaborar com outros organismos na luta contra a epidemia de HIV/AIDS. Ela tem uma proposta dentro dos valores do Evangelho. No futuro, queremos fortalecer ou criar grupos regionais e diocesanos preocupados com a infecção. Pretendemos elaborar um subsídio que possa ajudar os agentes de Pastoral que trabalham nessa área. Queremos refletir melhor sobre a mística que deve animar os agentes de Pastoral na luta contra a AIDS.

\* Assessor de comunicação social da ABIA



## O TRABALHO COM JOVENS

*Conversar sobre comportamento sexual pode ser difícil, mas essa atividade prática pode ajudar os jovens a considerar as escolhas possíveis.*

Muitas organizações religiosas já dispõem de redes sociais voltadas para os jovens, como grupos de jovens patrocinados pela igreja, e essas redes oferecem um fórum para tratar de questões relativas ao comportamento sexual e à prevenção do HIV.

Discussões francas e honestas sobre essas questões podem estimular os jovens a adotar um comportamento sexual mais seguro e protegê-los contra a infecção pelo HIV. Este exercício pode ser usado para iniciar discussões sobre infecções sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS, e como os jovens podem evitar a infecção. Leia o texto todo antes de começar e certifique-se de que você tem conhecimentos suficientes para responder a qualquer dúvida que possa surgir no grupo. O objetivo do exercício é estimular os jovens a pensar sobre suas atitudes e escolhas e partilhá-las com o grupo.

A Conferência de Bispos da Tanzânia abrange 12 dioceses católicas e seu setor de jovens coordena atividades para jovens, inclusive encontros sobre:

- direitos humanos;
- redução da pobreza;
- saúde reprodutiva e sexual;
- HIV/AIDS/DSTs;
- treinamento sobre experiência para a vida.

Os grupos de jovens discutem prevenção do HIV, por que o vírus afeta todos os aspectos da vida dos jovens e os mais sexualmente ativos são mais afetados pela epidemia.

As atividades de prevenção incluem:

- treinamento de multiplicadores;
- dramatizações;
- encenações;
- clubes de jovens contra a AIDS.

Alguns grupos também dão assistência a crianças órfãs ou pessoas com HIV/AIDS.

O treinamento dos jovens é auxiliado por material educativo, incluindo livros, vídeos e cartazes sobre experiência para a vida e saúde sexual. **Contatar George Kanga, Secretary, Tanzania Episcopal Conference, PO Box 2J33, Dar Es Salaam, Tanzânia. Fax: +255 022 2850295. E-mail: [tec@cats.net](mailto:tec@cats.net). Com Website: [www.rc.net/tanzania/tec/](http://www.rc.net/tanzania/tec/)**

## ATIVIDADE

### OS TRÊS BARCOS

Use este exercício com um grupo de jovens que sejam conhecidos e confiem uns nos outros. Comece com todos sentados em círculo.

1. Pergunte ao grupo “Quais são as três maneiras pelas quais o HIV pode ser transmitido de uma pessoa para outra?”

- Deixe o grupo responder.
- Corrija qualquer informação incorreta e acrescente detalhes que possam ter sido esquecidos.

Certifique-se de que o grupo mencionou:

- a. relação sexual sem preservativo;
- b. contato com sangue;
- c. mãe para filho.

2. Como podemos evitar o HIV ou as infecções sexualmente transmissíveis?

- Deixe o grupo responder.

Certifique-se de que os participantes mencionaram:

- a. nada de sexo (abstinência);
- b. fazer sexo apenas com um(a) parceiro(a) não infectado(a) que não possua outros(as) parceiros(as) (fidelidade);
- c. preservativos.

3. Diga ao grupo “O HIV está se espalhando como uma enchente e se não tivermos cuidado, vamos todos nos afogar.” Pergunte ao grupo:

- Há muitas pessoas na nossa comunidade em risco de se afogar na enchente de HIV?
- Numa enchente, como as pessoas conseguem se salvar?

Certifique-se de que sejam mencionados barcos.

Pergunte ao grupo:

- É possível evitar a infecção pelo HIV? Como?

Lembre ao grupo que, em uma enchente, as pessoas podem salvar-se entrando em um barco e que há três barcos que podem nos salvar da infecção pelo HIV:

1. o barco **NADA DE SEXO** (abstinência);
2. o barco **FIDELIDADE**;
3. o barco **PRESERVATIVO** - usando corretamente um preservativo novo cada vez que você faz sexo.

Pergunte ao grupo:

- Quem decide em que barco você vai entrar?
- Precisamos de ajuda?
- É fácil entrar em um barco?
- Que tipo de ajuda?
- É possível ajudar outra pessoa a entrar e permanecer no barco? Como?
- Em que barco ou barcos deve entrar uma pessoa que tenha fé?

Escolha três lugares na sala para representar os três barcos.

Dê a cada pessoa do grupo um personagem, por exemplo, um menino de oito anos, um velho agricultor, um profissional do sexo, um bêbado, uma jovem, um membro do coro da igreja, uma mulher de negócios, um estudante.

Peça a cada pessoa para pensar sobre a família, o trabalho, a vida social de seu personagem e decidir que barco escolheria ou se continuaria no mar de HIV.

Após cinco minutos, pergunte a cada pessoa que barco escolheu. Depois, pergunte por que seu personagem escolheu aquele barco. Discuta com o grupo se todos concordam com cada escolha e por que concordam ou não.

*Adaptado de Treasuring the gift.*

## CARTAS

### Luz na escuridão

Gostaria de partilhar uma analogia apresentada pelo reverendo dr. Zephanius Kametha, antigo vice-líder do Parlamento da Namíbia.

O dr. Kametha refere-se a um homem só no vasto deserto da Namíbia, onde, olhando em volta, nada vê, especialmente a noite. O céu é vasto e escuro. As trevas são opressivas. O homem sente-se só, insignificante. Mas, ao olhar para o alto, vê algumas estrelas. Quanto mais olha, mais vê. Lentamente, elas parecem iluminar o céu. Ele sente sua presença: a esperança, a sensação da graça - o espírito divino envolvendo-se, aceitando-o e concedendo-lhe o sentimento de fazer parte de um todo.

E assim acontece na vida real: quando a pessoa sente-se completamente só, quando não pode enxergar nada, nesse momento - se continuar buscando - pode ver (e sentir) a graça divina, ter o sentimento de ser parte de algo maior que ela mesma.

**Lucy Steinitz, Catholic AIDS Action, Windhoek, Namíbia.**

### Gênero e religião

Por que o gênero desaparece quando discutimos a religião? Os debates sobre religião e AIDS parecem sugerir que homens e mulheres podem usar suas crenças espirituais da mesma maneira que as religiões tratam homens e mulheres no que diz respeito às questões sexuais. Isso não é verdade. As discussões sobre religião muitas vezes não distinguem entre homens e mulheres e sugerem que os crentes são um grupo homogêneo.

Precisamos considerar como as abordagens baseadas na religião, relativas à abstinência e à fidelidade conjugal, podem diferir para homens e mulheres. No contexto da vulnerabilidade feminina, os apelos à fidelidade conjugal masculina possuem um significado bastante diferente dos apelos feitos aos meninos e meninas para evitarem a experiência sexual. Uma leitura bem diferente resultaria do apelo às mulheres para abster-se do sexo, se sua associação com parceiros informais se relaciona diretamente à sua sobrevivência e a de seus filhos. A abstinência não significa a mesma coisa para cada um. São questões de gênero e o simples fato de dizer que os apelos são de fundo religioso não as anula.

É importante também examinar se os sistemas religiosos estão reforçando os papéis dos gêneros e aumentando a vulnerabilidade à AIDS. Questionar ou reexaminar os papéis dos gêneros, no trabalho relacionado ao HIV ou por outros meios, pode estimular uma maior igualdade entre homens e mulheres.

**Tim Frasca, Fundación CIPRESS, Santa Beatriz 84-C, Providencia, Santiago, Chile.**

## RECURSOS

### Recursos impressos

**Facing AIDS: The challenge, the Churches' Response.** A World Council of churches Study Document

Esse livro trata da questão relacionada à resposta das igrejas ao HIV/AIDS e é baseado em um estudo de três anos realizado pelo Grupo Consultivo de AIDS do Conselho Mundial de Igrejas.

Grátis para leitores de países em desenvolvimento, em inglês, francês e espanhol, pedidos para Health and Healing Desk, World Council of Churches, 150 route de Ferney, 1211 Geneva, Suíça.

**Open secret: people facing up to HIV and AIDS in Uganda** (Nº. 15, Strategies for Hope series) descreve como, em Uganda, a sinceridade sobre o HIV e a AIDS e a ação em todos os níveis romperam o muro de silêncio em torno da epidemia de HIV e reduziram o estigma e a negação relacionados à doença.

Disponível por 4, 50 libras esterlinas, pedidos para Teaching-aids At Low Cost (TALC), PO Box 49, St. Albans, Herts ALJ 51X, Reino Unido. Fax: +44 1 72 7 846852

**Breaking the silence: religious health organisations speak out on HIV/AIDS.** Esse vídeo é o resultado do simpósio internacional do Fórum Regional Africano de Organizações Religiosas de Saúde em Saúde Reprodutiva, realizado durante a XIII Conferência Internacional de AIDS, em Durban, África do Sul.

Contatar International Family Health, Cityside, 40 Adler Street, London E1 IEE, Reino Unido. Tel. : +44 20 7247 9944. Fax: +44 20 7247 9224. E-mail: info@ifh.org.uk. Cópias do vídeo do arcebispo emérito Desmond Tutu com a mensagem para o simpósio também estão disponíveis em IFH.

### Recursos eletrônicos

Uma série de sermões escritos por monges budistas em Mae Chan, Tailândia, estão disponíveis em [www.hiv-development.org/se/publications/sermons.asp](http://www.hiv-development.org/se/publications/sermons.asp).

*Ação Anti-AIDS é um veículo para a troca de informações a respeito de assistência e prevenção da AIDS, HIV e doenças sexualmente transmissíveis.*

Uma edição eletrônica está disponível em alguns países em desenvolvimento através da rede de computadores da SatelLife, HealthNet. Para contatos: [hnet@usa.healthnet.org](mailto:hnet@usa.healthnet.org)

**Editores associados**

**Inglês, Ásia e Pacífico:** HAIN, Filipinas;

**Inglês, África Ocidental:** Kanko, Quênia

**Inglês, sul da África:** SANASO, Zimbábue;

**Francês:** ENDA, Senegal

**Português:** ABIA, Brasil

**Português:** Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

**Espanhol:** Calandria, Peru

**Editor-chefe** Pilar Salgado

**Editor-executivo** Javier Ampuero

**Programação visual e produção** Ingrid Emsden

**Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids-ABIA** - Rua da Candelária, 79/10º - Centro - 20091-020 -

Rio de Janeiro – RJ - Tel: 021 2223-1040 - Fax: 021 2253-8495

E mail: [abia@abiaids.org.br](mailto:abia@abiaids.org.br)

Internet: [www.abiaids.org.br](http://www.abiaids.org.br)

**Editores Responsáveis:** Claudio Oliveira, Cristina Pimenta, Richard Parker e Veriano Terto Jr.

**Conselho Editorial:** Artur Kalichman (Prog. Est. de DST-AIDS/SP), Áurea Celeste Abbade (GAPA/SP), Celso Ferreira Ramos Filho (HUCFF/UFRJ), Dirce Bonfim de Lima (HUPE/UERJ), Fernando Seffner (GAPA/RS), José Araújo Lima Filho (GIV/SP), Mário Scheffer (Grupo Pela VIDDÁ/SP) e Rogério Costa Gondim (GAPA/CE).

**Jornalista Responsável:** Jacinto Corrêa - MT 19273

**Coordenação Editorial e Revisão:** Claudio Oliveira

**Tradução:** Anamaria Monteiro

**Adaptação gráfica, fotolitos e produção:** A 4 Mãos Ltda

**Apoio:** DFID – Healthlink Worldwide

**Impressão:** Gráfica Reproarte

**Tiragem:** 20.000 exemplares